



CAMARA MUNICIPAL DE SAO PAULO

CAMARA MUNICIPAL DE SAO PAULO

ASSESSORIA TECNICA DA MESA - A.T.M.

SISTEMA DE APOIO AO PROCESSO LEGISLATIVO

PROJETO DE LEI

: 01-0611/1996 DE 1996

5- 11,50

20- 100,00
143,

MATERIA LEGISLATIVA: PL

01-0611/1996 DE 20/06/96

PROMOVENTE: VEREADOR

ANNA MARIA QUADROS

E M E N T A:

Denomina Dona Ofélia Fonseca de Almeida a Viela
Caoquira localizada entre as ruas Itapopolis e Bahia, e
dá outras providências.

O-B-S-E-R-V-A-C-O-E-S:

CNC Solutions
Tipo: Processo Legislativo
26/10/2010 17:41:01

00000014311-10



ARQUIVADO EM

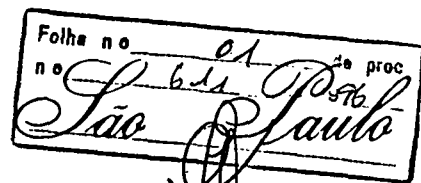
27/01/97

CHEFE DE SEÇÃO BARRA
Chefe de Seção Técnica II



Câmara

250
Municipal de



LIDO HOJE
ÀS COMISSÕES DE: 20 JUN 1996
COMISSÃO DE FISCALIAÇÃO
PL 250, METRO E A-1
ENSC, CULTURA E ESPORTE
FILANTROPIA E RECREAÇÃO

PL

01-0611/1996

Denomina Dona Ofélia Fonseca de Almeida
a Viela Caoquira localizada entre as
ruas Itapolis e Bahia.

A Câmara Municipal de São Paulo decreta:

Art. 1. Fica denominada de Travessa Dona Ofélia Fonseca de Almeida a Viela
localizada entre a Rua Itapolis e Bahia.

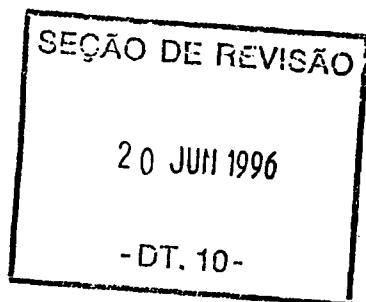
Art. 2. As despesas com a execução da presente lei correrão por conta das dota-
ções orçamentarias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 3. Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, 20 de junho de 1996.

ANA MARIA QUADROS
ANA MARIA QUADROS

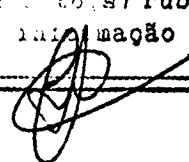
vereadora



26

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SEGUE(M) juntado(s) nesta data (com o(s) rubricado(s) sob n.º 2a.29 folha de informação sob n.º 23/24/6.196 a (



EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

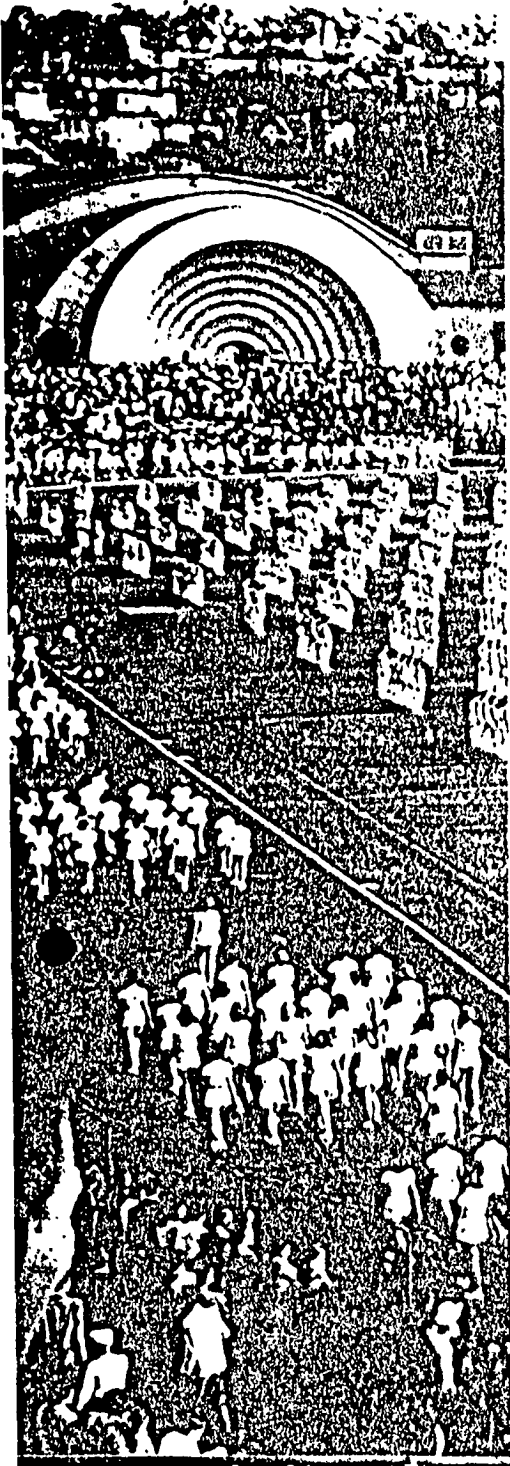
A pessoa que andar pela rua Bahia, no bairro do Pa-
caembu, verá, entre as copas de vetustos jacarandás, um ve-
lho mas muito bem conservado casarão de tijolinhos pintados.
A placa no frontispício indica que ali fica o Externato Ofélia
Fonseca. Apenas mais uma escola, dirá. Mas ao cruzar o por-
tão de entrada será recebido por uma lufada de sete décadas
de história. Setenta anos de muitas histórias quase sem arredar
o pé do lugar.

Na cidade em que esse colégio surgiu isso não é pouca
coisa. Tudo que vai surgindo aqui em São Paulo, já observara
um sábio visitante estrangeiro, corre o risco de virar logo ruí-
na. O pulso da cidade é muito rápido. Cinemas, praças, prédios,
negócios, instituições, hábitos e costumes, tudo pipoca e
murcha no ritmo veloz e voraz da nossa história. Aqui, notou
um escritor paulistano, as casas vivem menos do que os ho-
mens. E a memória se dilui na enxurrada das novidades. Pou-
ca coisa fica, pouca coisa conserva suas verdades essenciais,
para nossa desgraça e glória. É esse o jeito de São Paulo.

Mas o Ofélia ficou. Quiseram que ele ficasse. O mesmo
Externato Ofélia Fonseca, que agora completa setenta anos de
existência. Ficou no mesmo lugar de sempre. O tempo pas-
sou. Ele não.

Primeira estação: Itu

“O” Ofélia, antes de virar escola e substantivo masculi-
no, era uma graciosa garota de Itu, a senhorita Ofélia Fonseca
de Almeida, nascida no dia 8 de março de 1894, filha de
fazendeiro cafeicultor. É lembrada por quem a conheceu ain-



da jovem como uma "morena de estatura pequena e boa aparência." Consta que na adolescência seu vigor e determinação já chamavam a atenção, especialmente numa época em que a mulher aos dezesseis anos, segundo uma revista de 1905, "é uma estátua de Madona que procura um coração de homem para dele fazer o seu altar..."

Só que bordar, tocar valsinhas ao piano, suspirar ao cair da tarde e procurar marido, como faziam as mocinhas "bem" de seu tempo, não estava entre as cogitações da jovem Ofélia. Ela queria mesmo é vencer na vida por sua própria conta e risco. Nisso destoava das "inclinações naturais do sexo frágil" em seu tempo.

O século vinte estalava de novo diante da menina Ofélia. Seu pai, Joaquim Manoel Pacheco da Fonseca, tinha deixado marca na história do Brasil ao participar da célebre Convenção de Itu, em 1873, promovida pelo recém fundado Partido Republicano Paulista, e que dera impulso decisivo ao avanço das idéias republicanas no pasmamento Brasil monárquico. Os admiradores de Ofélia gostam de lembrar que ela nasceu apenas sete dias depois da primeira eleição direta para presidente da república em nosso país. O escolhido foi Prudente de Moraes, por coincidência um ituano como ela.

O Brasil mudava de cara e de aspirações. São Paulo, com seus milhares de imigrantes em fluxo constante, com sua nascente indústria, com seus capitais acumulados na atividade cafeeira querendo se multiplicar na cidade, com seus poetas famintos de modernidade, tornava-se aos poucos o emblema e o propulsor dessa mudança.

No entanto, nem tudo era azul no cenário da jovem república, ao contrário do que sugeria o nome lírico da fazen-

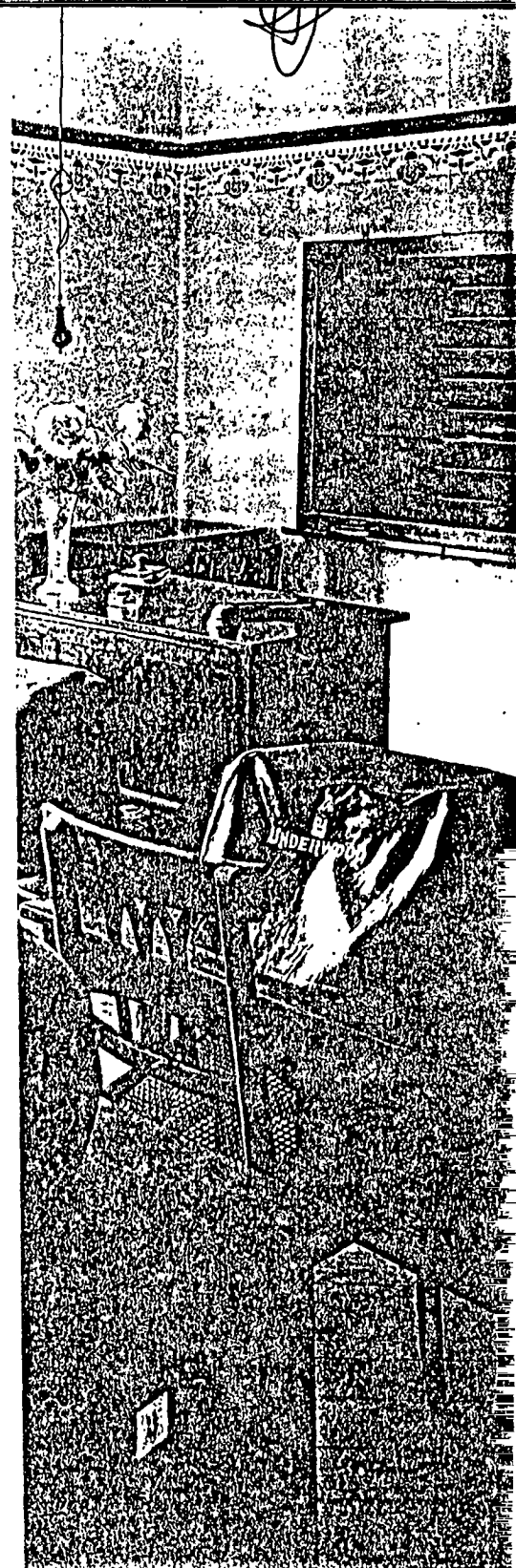
da do seu Joaquim Manoel, a Pedra Azul. As oscilações bruscas do preço internacional do café derrubavam meio mundo. E o fim tardio da escravidão, se nos resgatou de uma vergonha nacional, trouxe também o seu quinhão de problemas a muitos proprietários de terras. A Pedra Azul não resistiu, a exemplo de um punhado de outras fazendas e negócios ligados à agricultura. O ex-fazendeiro virou coletor de impostos em Itu. E Ofélia veio ainda menina para a capital.

Fez o curso normal na Caetano de Campos, escola estadual com vocação modelar que funcionava na praça da República. Ali Ofélia se descobriu professora. Ou melhor: descobriu que ser professora apontava para um ideal de ensino que poderia mudar sua vida e a de outras pessoas.

E como mudou. Muito mais do que a jovem normalista poderia supor. A vida de Ofélia Fonseca, uma vez sagrada professora, deu uma reviravolta tão grande que arrastou no seu ímpeto construtivo uma enfiada de gerações, ao longo dos últimos setenta anos. Tudo começou à antiga, ou seja, pelo começo, com esforços e sacrifícios servindo de base ao talento e à vontade de dar certo.

Primeiro, teve a fase de aquecimento das turbinas, junto a Elvira Brandão, a fundadora do colégio homônimo que marcou época em São Paulo e continua vivo e atuante, a exemplo do Ofélia. Elvira e Ofélia tinham sido colegas e amigas na Caetano, nos tempos do normal. Depois disso, Elvira montou seu próprio curso primário e Ofélia foi dar aulas lá, exercitando-se na profissão e aprendendo como fazer uma escola funcionar.

Até que um belo dia, decidiu que era hora de tentar um vôo solo, ou melhor, duplo, junto com a irmã Maria Fonseca.



elite que se preparava para administrar a mais industrializada das cidades brasileiras. São Paulo voltava a ser a locomotiva (ou o indômito fusca?) da economia do país.

O laço amigo da tradição

Entre o fim dos anos 50, e durante os anos 60, passaram pelo Ofélia gerações de guris e gurias que assumiriam futuramente posições de destaque em seus ramos de atividade. Nas chamadas de presença ouviam-se nomes como Cochrane, Scarpa, Matarazzo, Luftala, Reale, Mesquita, Lara Campos, Sampaio Ferreira, Gasparian, Carneiro da Cunha, etc. Mas a nova classe média ia também ocupando seu lugar nos bancos da escola de Dona Lydia e Dona Josefina. Iam todos em busca do grande segredo educacional do Externato Ofélia Fonseca: ensino rigoroso, muita disciplina, acompanhamento individual dos alunos e ambiente familiar. Exemplo típico de colégio tradicional a serviço da modernidade.

Essa palavra "tradicional" pode causar arrepio em muita gente. Mas é um ex-aluno, o João Lara Mesquita, que hoje dirige a Rádio Eldorado, quem nos explica o seu significado no Ofélia: "Tradicional sim, mas não no sentido de velho, ultrapassado. E sim porque é um colégio muito antigo, com boa fama. O ambiente ali era normal, saudável. Em tudo imperava o bom senso." E tradicional também no sentido de criar estreitos vínculos afetivos entre todos na escola, alunos, funcionários e professores. A mãe de João, Laurita Mesquita, que tinha mais três filhos no Ofélia, (Rui, Rodrigo e Fernão) conta que "as professoras acompanhavam a vida dos meus

[Handwritten signature]

E olha que se Dona Lydia ainda não comprou sua casa não foi por falta de aluno. Naqueles idos de quarenta, ao assumirem o Ofélia, as duas sócias foram assaltadas pelo método básico de todo empreendedor em início de carreira: e se não der certo? E se, com a saída de Dona Ofélia, os pais resolverem colocar seus filhos em outras escolas?

Nem pensar. Quando as duas arrendaram o Ofélia havia 100 alunos. No ano seguinte esse número pulava para 230, que representava uma resposta mais do que positiva à nova administração.

Agora, de ginásio a tiracolo, administrado com paixão pelo Dr. Edmundo, o negócio era tocar o barco do Ofélia. O país despertava do Estado Novo com sede de saber. Esse ânimo contrastava um pouco com as poucas luzes que se atribuíam ao primeiro presidente pós-Vargas, o general Eurico Gaspar Dutra. Contavam piadas a seu respeito. Numa delas, narrava-se seu encontro com o presidente americano, Harry Truman. De Truman veio o cumprimento: "How do you do, Dutra?" De Dutra, a resposta: "How tru you tru, Truman?"

O Brasil foi seguindo seu rumo aos trancos e barrancos, e não faltou o trauma de um suicídio presidencial, o de Getúlio Vargas, encerrando o seu segundo período presidencial e toda uma era na história do Brasil. A seguir viriam os felizes anos JK, de grande arrancada desenvolvimentista. Na Ofélia, na quietude de sua chácara da Vila Galvão, torcia-se sempre pelo progresso brasileiro e se correspondia com o presidente Juscelino. Nacionalista como era, já podia pensar em trocar o seu velho "chevrolet" por um carro nacional. Na rua Bahia, Josefina e Lydia trabalhavam para responder às demandas por educação de alto nível da parte de uma

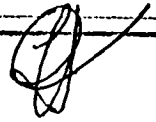


Tempos novos

Havia uma reclamação constante de pais e alunos do Ofélia. É que depois de anos de convívio no ambiente familiar da escola, o aluno tinha que sair pelo mundo em busca de um ginásio. Saíam todos muito bem preparados para isso, sem dúvida. Mas o caso é que não queriam sair.

Em 1946, o Dr. Rubens Telles Pereira, sobrinho de Dona Ofélia, tinha feito uma primeira tentativa de implantar o ginásio. Mas foi mesmo em 1948 que as novas "manda-chuvas", Josefina e Lydia, iriam levar adiante o projeto, tornando-o realidade definitiva. Para isso chamaram um bem sucedido dentista, que gostava também, e muito, de lecionar. Sempre os dentistas. E assim o doutor Edmundo Nejm tornava-se o mantenedor, além de professor de ciências, do novo ginásio do Ofélia, que até 1971 permaneceria exclusivamente destinado às meninas. A novidade, embora com a restrição de sexo, foi muito festejada, pois na época havia pouquíssimas opções de ginásio leigo para as garotas.

Nesse mesmo ano de 1948, Josefina e Lydia deram mais um passo no sentido de consolidar sua posição no Ofélia. Compraram a patente e todo o equipamento do colégio. Pagavam a Dona Ofélia pelo imóvel um aluguel que as duas novas mantenedoras consideravam justo e afinado com suas possibilidades. Na verdade, a ganância nunca foi esporte praticado na tradicional escola do Pacaembu. "Sempre fomos muito mais idealistas que comerciantes", nos confessa Dona Lydia. "Nunca abandonamos um aluno ou deixamos de aceitá-lo por falta de dinheiro. Aliás, desde 1945, quando eu entrei no Ofélia, até hoje, nunca me sobrou dinheiro para comprar um apartamento, uma casa, nada. Tudo que entra é reinvestido no próprio colégio."



Surgiu assim, no dia 7 de junho de 1921, o Externato Ofélia Fonseca, na rua Sergipe, quase esquina com a avenida Angélica. A escola era pequena, só tinha o curso primário, mas foi adquirindo rápida nomeada. Não passou muito tempo e Maria Fonseca casava-se com o médico Elisário Malta da Costa, partindo com ele para o Rio de Janeiro. E eis que Ofélia assumiu sozinha o timão do Ofélia.

A biquinha do Pacaembu

Não longe da rua Sergipe, a verdadeira floresta que havia no vale do Pacaembu estava sendo cobijada por uma ambiciosa empresa do ramo imobiliário, a Companhia City. Ela tinha planos de fazer ali um loteamento destinado a mansões residenciais. Uma Beverly Hills paulistana.

A cidade ia se alastrando rapidamente para longe do seu núcleo urbano primitivo, que girava em torno do Pátio do Colégio. Seus habitantes se avolumavam em direção à marca do primeiro milhão. A Baronesa de Itapetininga já não plantava chá nas margens do riacho do Anhangabaú, que estavam sendo urbanizadas. E na velha chácara do Rodovalho erguia-se agora o Teatro Municipal. Como diria Mário de Andrade, escritor paulista que Ofélia muito admirava, "Progredir, progredimos um tiquinho. Afinal o progresso também é uma fatalidade."

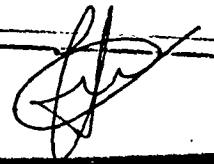
E assim, a partir das pranchetas dos engenheiros da City, foi se formando o novíssimo bairro do Pacaembu. As cabras que ali se criavam foram ruminar noutras paisagens. Os primeiros casarões foram se erguendo do chão. O arvoredor

confuso da mata cedeu lugar a fileiras ordenadas de jacarandás. Corria o ano de 1927. E Dona Ofélia achou que seria boa idéia comprar um terreno na recém traçada rua Bahia. Mas será que a City deixaria que ela construísse um colégio naquela zona estritamente residencial?

Sem problemas. Seus diretores compreenderam de imediato a importância de se ter uma boa escola primária na região. O Ofélia da rua Sergipe já tinha fama de ser uma ótima escola, o que casava bem com as exigências da elite que ia se instalando no novo bairro. Era um pessoal, aliás, de perfil sócio-econômico muito semelhante ao do contíguo bairro de Higienópolis, e que já frequentava o Ofélia Fonseca.:

A obstinada filha do ex-fazendeiro de Itu juntou então todas as suas economias e comprou o terreno. Mandou construir um prédio adequado aos misteres do ensino, mas que lhe reservasse acomodações domésticas na parte superior. Nesses tempo pioneiros ela não poderia se dar ao luxo de morar noutro lugar. O responsável pela construção foi ninguém menos que o então diretor da Escola Politécnica, o engenheiro Joaquim Guedes, de quem Ofélia era amiga.

Mais tarde a incansável Ofélia iria comprar outros dois lotes na parte de baixo do seu terreno, com frente para a rua Itápolis, ampliando assim as vias de acesso ao colégio. O Ofélia Fonseca ia se tornando uma autêntica instituição do Pacaembu, mais enraizada que o próprio Estádio, que só iria aparecer tempos depois, no fundo do vale, em lugar ocupado por um bucólico parque natural. Em meio à vegetação densa e variada desse parque havia uma famosa biquinha. Da água cristalina dessa bica beberam muitos alunos do Ofélia que ainda hoje lembram do seu frescor. Se não lhes proporcionou



a eterna juventude, seguramente lhes deu bom remédio para a sede. Além de inspiração para algum soneto singelo.

Saudade das professorinhas...

Em 1930 o Externato Ofélia Fonseca já funcionava na rua Bahia, no mesmo lugar e edifício que ocupa até hoje. Na parte de cima, como dissemos, morava Ofélia junto com alguns parentes próximos. E também com uma menina doentinha que ela “pegou para criar”, como se dizia. Na parte de baixo, funcionava o curso primário, à tarde, com um currículo de fazer inveja a muita escola contemporânea dita de elite. Além do “arroz com feijão” muito competente (aritmética, português, história e geografia), ensinava-se inglês e francês, desde o segundo ano. Lá estavam Miss Holland e Mme Germaine para garantir que o aprendizado de línguas era mesmo pra valer. Havia até uma matéria com o delicioso nome de “Lições de coisas”, que ensinava noções básicas de ciências. Os alunos saíam das mãos da equipe de Dona Ofélia preparados para enfrentar qualquer colégio em que pretendessem continuar os estudos.

Não é à toa que um dos mais brilhantes oftalmologistas brasileiros, o Dr. Jorge Caldeira, que entrou no Ofélia aos 7 anos, em 1935, é capaz ainda hoje de fazer a “escalação” completa de seu time de professoras: “Quem me alfabetizou foi a Estela Brandt de Carvalho, no primeiro ano. No segundo, tive aulas com Nicolina Moreno. O terceiro ano estive a cargo de Maria José Armando. No quarto, tivemos Maria Ribeiro da Silva. No quinto ano, ou “admissão” como se dizia, era a Dal-

va Casteli. Éramos dois alunos em cada carteira, com um tinteiro no meio. Antes das aulas, um funcionário vinha completar a tinta."

Estela, Lubolina, Maria José, Maria Ribeiro, Dalva... Ofélia... Quem se lembra com tanta nitidez de suas "fessoras" do primário? Só mesmo quem teve nelas enérgicas e dedicadas debastadoras da santa ignorância infantil. Aquelas boas mulheres já não lecionam mais. Viraram pura memória. Mas estão presentes no saber e no fazer de muitos cirurgiões, advogados, engenheiros, arquitetos, educadores, empresários, pais, mães, avós, e sabe-se lá quantos profissionais e cidadãos de atuação marcante na vida brasileira.

Ofélia não limitou sua escola ao ensino tradicional. Acompanhando a efervescência econômica da cidade, ela ocupava o tempo matinal das salas de aula com os cursos de sua Escola Técnica de Comércio, para moças. Ali aprendia-se português, aritmética, datilografia, taquigrafia, leis e línguas. Era um curso técnico de verdade, com duração de dois anos.

A rigorosa dona Ofélia chegava a desencorajar as pretendentes egressas de escolas que ela considerava de nível inferior. Dona Heloisa Bittencourt, que fez o curso em 1944, ainda se lembra do "banho frio" que tomou daquela senhora de aspecto severo, atrás de sua escrivaninha de diretora. "Minha mãe me levou lá. Dona Ofélia perguntou onde eu tinha me formado. Eu respondi, e ela então declarou: 'É melhor você desistir. O ensino dessa escola de onde você veio é muito fraco e eu sou muito exigente.' Vi logo que o negócio ia ser fogo!" Mas dona Heloisa acabou ficando por um período de experiência de seis meses. Esforçou-se ao máximo e conseguiu permissão para seguir até o fim. "Valeu a pena", lem-

bra-se ela. "Os professores eram todos muito enérgicos e exigiam bastante das alunas. Foi um curso muito bom."

A presença de Ofélia Fonseca, a saudosa Dona Ofélia, que faleceu com quase noventa anos em 1980, pode ainda ser sentida na escola. Na disciplina de corte tradicional; no acompanhamento individual dos avanços e dificuldades de cada aluno; na seriedade e modernidade do ensino, a cargo de professores selecionados com rigoroso olho clínico; nas velhas cadeiras austríacas que lhe pertenceram e hoje montam guarda silenciosa na sala das atuais diretoras. No espírito da escola, enfim, essa coisa indefinível mas quase corporal que se sente ao entrar naquele simpático e conservadíssimo prédio dos anos vinte, sempre ali na rua Bahia.

Rádio, rigor, revolução: a vida rugia

O que mais dizer de Dona Ofélia?

Ah, sim: naqueles primeiros tempos ela tinha um rádio de galena, do tipo que antecedeu os "modernos" rádios a válvula. Ela adorava o rádio, muito mais do que viria a apreciar a revolucionária televisão, mais tarde. Isso não deixa de ter sua importância, pois o rádio em São Paulo tinha nascido quase ao mesmo tempo que o seu colégio (a pioneira Rádio Educadora Paulista foi fundada em 1924). E desde logo assumia o papel de educador das massas, programando cursos de alfabetização, de línguas, de história, e até de ginástica. Esse, especialmente, tinha em Ofélia uma fã ardorosa.

Ela por certo terá lido n'O Estado de São Paulo, em 1931, um anúncio com a programação da Rádio Sociedade



Record: "(...) Depois, até às 8 horas, *gymnástica pelo rádio*. Um professor de *gymnástica* dirigida ao piano, mediante um plano fornecido gratuitamente em nosso studio aos interessados. (...) às nove horas, 'A Hora Infantil', com lições de História, Cartilha Moral, ensino do ABC pelo rádio, por um processo novo e eficaz..."

Também pelo rádio, em 1932, dona Ofélia deve ter ouvido a dramática mensagem dos estudantes de direito do Largo São Francisco, que terminava assim: "Nós, os abaixo assinados, declaramos que invadimos à valentona os estúdios da Rádio Record e conclamamos o povo para que mude a situação política existente no Brasil." Era a Revolução Constitucionalista de 32 que estourava "à valentona", encontrando na educadora da rua Bahia uma ardorosa defensora. O Dr. Luís Rodrigo Fonseca Brandão, sobrinho de Dona Ofélia, é quem nos conta: "Ela era muito patriota. Tinha verdadeira adoração pelo Brasil. Na revolução de 32 auxiliou os soldados constitucionalistas fazendo fardas e quêpes, junto com as demais professoras, no porão do colégio."

De fato, Dona Ofélia olhava torto para Getúlio Vargas desde a Revolução de 30, quando Washington Luiz foi apeado da presidência da República e o recém eleito para o cargo, o paulista Júlio Prestes, foi simplesmente descartado da política federal. Era uma legalista dos quatro costados, a nossa personagem. Consta que foi simpatizante do PC - Partido Constitucionalista.

Corajosa, senhora de seus princípios, a um tempo carinhosa e severa com seus alunos e professores, Dona Ofélia criou fama de disciplinadora ferrenha. "Um olhar dela acabava com qualquer brincadeira", lembra-se ainda hoje o Dr. Jor-

ge Alberto Caldeira. Essa fama foi, de certa maneira, perpetuada pelas continuadoras de sua obra, as professoras Josefina Costa e Lydia Hernandez, que continuam participando da direção do Ofélia.

A disciplina ali sempre teve peso decisivo na avaliação do aluno. Existia uma nota de disciplina e premiações especiais de fim de ano para esse quesito. As professoras eram "bravas" e dedicadas, cobradoras e atenciosas. Castigo físico, é claro, nunca houve, embora ainda fosse praticado informalmente em outras escolas. Mas a cobrança e a vigilância rigorosas nos estudos e no comportamento, além da alta qualidade de ensino, sempre foram as grandes armas que sustentaram, e ainda hoje sustentam, a reputação do Externato Ofélia Fonseca. Externato que, curiosamente, comportou também um pequeno internato, nos anos 30, para filhos de famílias do interior.

Pois então, Dona Ofélia fazia e acontecia. Além da ginástica pelo rádio todas as manhãs, ela gostava de nadar no Esporte Clube Germânia, o nome antigo do atual Clube Pinheiros. Frequentava as óperas e concertos do Teatro Municipal, a exemplo da burguesia ilustrada da época, ia a teatros e cinemas, gostava de se divertir. Lia e escrevia corretamente em francês, tinha uma biblioteca volumosa nessa língua, e até morou um ano em Paris, antes da Segunda Guerra, ocasião em que deixou a escola sob a responsabilidade de sua fiel e preciosa colaboradora, a professora Odete Gouveia de Almeida Salles. Tinha carro (um deles foi um célebre Chevrolet 38), coisa rara para uma mulher naqueles tempos. Embora tivesse empregadas, costumava exercer com sucesso de público e de crítica seus dotes culinários, ao que parece herdados de sua

mãe, Dona Maria Peres da Fonseca, que era descendente de espanhóis. Foi eleitora e fã de Juscelino Kubitschek, com quem, segundo o Dr. Rodrigo, manteve correspondência.

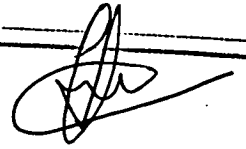
Anel no dedo, lenço branco da partida

Mas bem antes de aderir ao nosso presidente bossanova, a Dona Ofélia tomou uma providência que sem dúvida alterou bastante a sua vida e, ao cabo de alguns anos, também a do seu colégio. Ofélia Fonseca se casou.

Um dentista de Campinas, o doutor Marcos Paulo de Almeida, viúvo de uma meia-irmã de Dona Ofélia, entrou de repente na história e arrebatou o coração da educadora. Ofélia tinha 42 anos, um colégio famoso em suas mãos e muita vontade de viver. O que, de resto, ela continuaria fazendo por outros 42 anos, e mais uns quebradinhos.

Ofélia mudou-se com Marcos Paulo para uma chácara confortável na Vila Galvão, local ainda êrmo na ocasião. Vinha todos os dias para a rua Bahia pilotando os seu galhardo Chevrolet. O País vivia a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, a quem as fardas costuradas no porão do Ofélia, em 32, não tinham conseguido derrubar. O mundo ingressava no pesadelo da segunda guerra mundial, que arrastou em sua vertigem até mesmo o pacato Brasil, na fase final.

Mas um dia a guerra acabou. A guerra e a ditadura de Vargas. O Ofélia e a Ofélia mantinham-se firmes, agora sob o alento dos novos ares democráticos que revitalizavam o País. No entanto, aproximava-se o dia em que o e a Ofélia iriam se dizer adeus, depois de 26 anos de perfeita simbiose.



Talvez fosse um certo cansaço mesmo, pois a tarefa de erguer e manter uma escola do nível do Ofélia, numa cidade que só fazia transformar-se dia a dia (os tempos da biquinha do Pacaembu já eram pré-história), exigia muito de uma pessoa. O casamento, embora sem filhos, também deve ter influenciado na decisão. O fato é que em 1947 Ofélia Fonseca arrendou sua escola para duas pessoas de sua inteira confiança, e que dela já participavam ativamente: a secretária Josefina Costa e a professora Lydia Hernandez. E tocou com seu valente Chevrolet para a Vila Galvão.

No retrovisor do carro ia minguando a imagem do lugar que ocupara integralmente seus dias até aquele momento. Lá estavam as suas crianças, aprendendo e brincando. Suas queridas crianças, confiadas a mãos excelentes. Ali, na placa da entrada, ficara seu nome. Um nome que quase trinta anos de dedicação haviam tornado um valioso patrimônio. Gente importante na cidade e no País tinha aprendido nas carteiras de madeira envernizada que o boi baba. Que o boi bebe. Que o boi babe e bebe. Dona Ofélia ainda não sabia, mas o boi ainda iria beber e babar por muitas décadas nas lousas do seu Ofélia, ajudando a alfabetizar levas e levas de "baixinhos".

Uma coisa certamente ela sabia, quando deixou a direção do Ofélia: que ali, no 892 da rua Bahia, tinha ficado um pedaço vivo do seu coração.

filhos. Eram amigas, estavam sempre em contato conosco, como se aquilo fosse uma família. Não era desses colégios que mandam bilhetinhos..."

A questão disciplinar, outro aspecto da aura tradicionalista do Ofélia, continuava em pauta, como nos tempos da fundadora. Um pouco mais suavizada, porém, pois, os tempos eram outros. "Eu sou considerada severa aqui", diz Dona Lydia. "Mas perto do que era Dona Ofélia, eu sou café pequeno. Era só ela colocar o pé no pátio que ninguém se mexia!" E, para voltar um tiquinho aos tempos de Dona Ofélia, é bom lembrar que o espírito de disciplina que ela instituiu, e ainda hoje vigora, se estendia também ao linguajar. Dona Josefina se lembra que "para conversar com ela, precisávamos ter muito cuidado com os 'ss' e os 'rr'"

Mas a disciplina do Ofélia sempre foi temperada com muito açúcar. É o mesmo João Lara Mesquita quem rememora: "No pré-primário eu ficava o dia inteiro no colo de Dona Penha. Aí me passaram para a classe da Dona Judith, que era um pouco mais severa. Senão, acho que nunca teria sido alfabetizado."

Ofélia tinha uniforme. Ajudava a botar um pouco de ordem no natural alvoroço infantil. Para os meninos, paletó, camisa branca, calça azul marinho, vulcabras preto, meias brancas. E gravatinha vermelha. Para as meninas, saia azul, blusa branca com bolinhas nas mangas. E gravata, também com bolinhas. Ester Nejm, irmã do Dr. Edmundo, que o ajudou na condução do ginásio nos seus longos anos de Ofélia, fazia questão do uniforme completo, sem o quê ninguém entrava no colégio. Ela tinha uma famosa maleta com um estoque de gravatas, meias brancas, sapatos pretos e tudo mais



que pudesse faltar no uniforme de algum "esquecidinho". Emprestava, pegava de volta, mandava lavar e passar. Para emprestar outra vez, quando fosse preciso, de maneira que ninguém tinha de dar meia-volta na porta da escola. "Eu gosto de disciplina", ela declara orgulhosa.

E quando as saias das meninas começaram a subir, nos rebeldes anos sessenta, a vigilante Dona Ester introduziu a calça comprida no uniforme feminino, de tecido azul marinho. Jeans não valia. Não tinha jeito de passar a perna na Dona Ester. "Um pouco de recato não faz mal a ninguém", ela sentenciava.

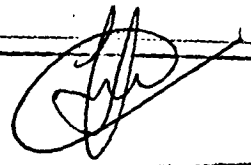
A propósito, namorar no portão do Ofélia também não podia. Nem antes, nem depois de 1971, quando o ginásio passou a ser misto. Certa vez, Dona Ester pegou uma aluna aos arrulhos com seu namoradinho na calçada do Ofélia. Veio o estrilo. A aluna argumentou que seu pai sabia e deixava. Ester encerrou o assunto: "Se o seu pai sabe, então vá namorar em casa. Nesses quinze minutos até chegar lá vocês não vão morrer de amor!"

Outra coisa que o Ofélia tinha era um esqueleto. Isso mesmo, um esqueleto de moça, com os dentes perfeitos, usado nas aulas de ciências. Era a famosa "Carolina", de quem todos os ex-alunos dessa época se lembram com bem-humorada saudade. Dona Albertina, que prestava serviços gerais no Ofélia há 35 anos, é quem sabia contar "causos" envolvendo a paciente Carolina.

"Uma vez as meninas do ginásio vieram me contar que tinha caído um dente da Carolina. 'Olha, Dona Albertina, caiu um dentinho dela!' Aí eu falei: 'Pêra aí que eu vou levar a Carolina ao dentista.' E elas, então: 'Magina! A senhora vai

EDIÇÃO DE IMAGENS, PROJETO
E PRODUÇÃO GRÁFICA:

Carlos Perrone
Carlos Azevedo



levar um esqueleto ao dentista?" E eu fui mesmo. Levei a Carolina pro Dr. Edmundo, que era dentista, e ele colocou o dente no lugar. Daí, eu voltei e disse pra elas: 'Pronto! A Carolina já foi ao dentista!'"

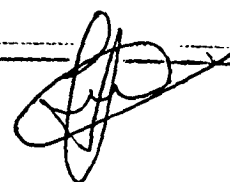
E que fim teria levado a boa Carolina? "Infelizmente botaram ela num saco e jogaram no lixo. Triste fim da Carolina. O lixeiro é que deve ter tomado um susto!"

Novas Ofélias

Anos dourados, anos rebeldes, anos de chumbo... Nova República, Brasil Novo... O tempo, como é de seu hábito, foi passando. O Ofélia foi se adaptando às novas feições do tempo, sem nunca perder sua tradicional individualidade. Mas os desafios agora eram outros. O final da década de setenta, por exemplo, assistiu a uma proliferação das chamadas "escolas renovadas", atraindo um contingente cada vez maior de alunos cujos pais buscavam nova orientação pedagógica para seus filhos.

Dona Josefina e Dona Lydia estavam atentas às modificações profundas que ocorriam no ambiente de ensino em São Paulo e no Brasil. Viram que era hora de introduzir mudanças no Ofélia. E de crescer. Para participar dessa tarefa chamaram ninguém menos que um sobrinho-neto de dona Ofélia, o jovem Antonio Sergio Ferreira Brandão. Administrador de empresas e pedagogo, ele veio em 1979 dar novas forças ao time das duas tradicionais diretoras. O Dr. Edmundo Nejm, por sua vez, precisou afastar-se da direção. Mas um outro experiente personagem, o Prof. Mário Paschoalini, que dava aulas de geometria

TEXTO:
Reinaldo Moraes



e desenho desde 1969 no Ofélia, tornou-se diretor. E o colégio da rua Bahia continuou crescendo.

Não muito, porém, a ponto de massificar o ensino, mas cresceu. Ganhou piscina, quadra de esporte, laboratório, atelier de artes, biblioteca e um prédio novo, ao lado do antigo, no mesmo terreno. No ano seguinte, 80, os novos diretores criaram o segundo grau, nova versão do antigo clássico/científico. Tornou-se possível entrar no Ofélia pela porta do Jardim da Infância e passar por toda a formação escolar até as portas da universidade.

O que falta dizer? Tudo. Não se comprime sete décadas de tradição em algumas poucas páginas. Nem se pôde dar conta de tantas vidas, muitas vezes encadeadas – filhos, pais, avós – que passaram pelo Externato Ofélia Fonseca. O que importava era contar por que o Ofélia ficou. A tradição lhe deu ao mesmo tempo lastro e asas para ficar, sempre se renovando.

O Ofélia Fonseca ficou porque tinha que ficar.

PERFIL DE DONA OFÉLIA FONSECA DE ALMEIDA

Ofélia Fonseca de Almeida, nascida em Itu, no dia 8 de março de 1894 e falecida em São Paulo, no dia 4 de janeiro de 1984, deixou um nome muito expressivo e marcante na cidade de São Paulo.

Destacou-se como educadora, tendo contribuído de uma forma relevante para a educação e aprimoramento de um número enorme de personalidades, que têm engrandecido a nossa sociedade.

Ofélia Fonseca de Almeida, idealista e possuidora de uma coragem assombrosa para o início do século XX, aventurou-se a comprar um lote de terreno na rua Bahia para instalar o seu colégio, sonho que vinha alimentando há bastante tempo.

O Externato "Ofélia Fonseca" teve início no dia 7 de junho de 1921, com um modelar e excelente curso primário que atraiu a população jovem, do florescente bairro de Higienópolis. A escola foi crescendo e adquirindo a confiança de todos que reconheciam o valor, a dedicação e a perseverança dessa grande educadora. O colégio continuou num ritmo crescente, acompanhando tudo que fosse importante para os alunos, no setor educacional.

Os continuadores da obra de Dona Ofélia procuraram seguir a linha mestra iniciada por essa grande brasileira. Baseados nos princípios que nortearam a vida da fundadora, imprimiram todos os seus esforços para que o trabalho, no setor da educação, continuasse contribuindo para a formação dos jovens brasileiros que irão participar do engrandecimento do nosso país.

Graças a esse ideal, a esse trabalho honesto e dedicado, a escola fundada por Dona Ofélia continua a gozar do mesmo nome e prestígio que começou com a sua fundação.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Papel para informação, rubricado como folha n°

123

do processo n° 611 de 19 96 24 06 96 (a)

Ao Sr. Assessor Chefe,
Sobre o assunto, nada consta,
em 24/06/96.

FÁTIMA MOREIRA COSTA
Ass. Parlamentar

A Com. de Const. e Justiça

25/06/96

LUIZ AREIAS DE CARVALHO
Ass. Tecn. Leg. Chefe - A. T. M.

Recebido na Comissão de
Constituição e Justiça
Em 25/08/96 às 12:00 hs.

(Handwritten mark)

ORLANDO KOCI MENDES
AUXILIAR LEGISLATIVO

Ao Nobre Vereador *(Signature)*
para relatar.

Sala da Comissão de Constituição e Justiça
em 25 de junho de 1996

(Signature)
Presidente

SEGUE juntado nesta data, documento e papel para informação, rubricado
sob folha nº 24

Em 06.08.96

(a)



Câmara Municipal de São Paulo

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de São Paulo

Folha	61124	do proc.	096
n.º		Co	

Senhor Presidente:

Solicito a V. Exa. que encaminhe ao Executivo pedido de informação para saber se a via pública, mencionada no projeto de lei nº 0611/96, de autoria do Nobre Vereador Ana Maria Quadros:

1º - é bem público?

2º - é oficial e possui número de CADLOG?

3º - A denominação proposta (Travessa) constitui homonímia?

4º - A descrição e a localização da via no projeto estão corretas e são suficientes para a sua perfeita identificação?

5º - A classificação quanto ao tipo (Travessa) está correta, tendo em vista as disposições do Decreto nº 27568/88?

Esclareço que tais informações são necessárias ao seguro pronunciamento desta Comissão no projeto de lei nº 0605/96 e saliento a importância de se enviar, junto ao ofício de praxe, cópia do projeto, e da folha deste pedido.

Sala da Comissão de Justiça, 06/08/96

DÁRCIO ARRUDA
Presidente

DEFIRO

07/08/96

Presidente

A LEG. 3
Em. 07/08/96

ORLANDO KOCI MENDES
AUXILIAR LEGISLATIVO

RECEBIDO EM LEG. 3

071 08 196
15:15h *[assinatura]*

Sr. Zuzi.

Oficiar ao Executivo, solicitando informações.

07-08-96

[assinatura]
ANGELA BORDIN ANDRONI
Chefe de Seção Técnica III

Sra. Chefe.

Providenciado, conforme determinação de V.Sa.

07-08-96

[assinatura]
ZUZU ASSATO
Oficial Legislativo

SEGUE m, juntado 1, nesta data
documento 5 o papel de informação
rebricado 5 sob folha 5 n.º 25/27
Em 14/08/96 *[assinatura]*



Câmara Municipal de São Paulo

Folha No 25 do proc
No 611 de 1996
O funcionário

São Paulo, 08 de agosto de 1996.

18 - OF-LEG3
OFICIO N.0690/1996

Senhor Prefeito.

Em atenção ao requerido pela Douta Comissão de Constituição e Justiça e nos termos do art. 68 do Regimento Interno, encaminho a Vossa Excelência cópia do Projeto de Lei nº 611/96 de autoria da Vereadora Ana Maria Quadros - que denomina Dona Ofélia Fonseca de Almeida a Viela Caoquira localizada entre as Ruas Itapolis e Bahia, solicitando-lhe se digne determinar providências no sentido que nos envie subsídios para que a referida Comissão possa emitir Parecer a respeito.

Valho-me da oportunidade para renovar a Vossa Excelência os meus protestos de elevado apreço e distinta consideração.

BRASIL VITA
Presidente

Anexo: cópia xerográfica do P.L. nº 611/96 e do despacho da comissão solicitante de fl. 24.

A Sua Excelência o Senhor
Doutor Paulo Salim Maluf
Digníssimo Prefeito do Município de São Paulo.

MAL



MEMORANDO

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Folha No 26 do proc
No 611 de 1996
O funcionário Regina

São Paulo, 08 de agosto de 1996

Recebi ofício Leg.3 nº **690** , de
08-8-96 , solicitando ao Executivo informações referentes
ao Projeto de Lei nº **611/96** , de autoria da Vereadora **Ana
Maria Quadros**.

Anexo: **cópia xerográfica do pl. nº 611/96 e do despacho da
comissão solicitante de fl. 24.** **RECEBI EM:**

09 / 08 / 96

Regina
REGINA LUCIA PINHEIRO TEIXEIRA
Oficial de Gabinete



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Papel para informação, rubricado como folha n.º 07

do processo n.º 611 de 19 96 14.08.96 (a) 2

ZUZI ASSATO
Oficial Legislativo

A Douta Comissão de
Constituição e Justiça
Em: 14.08.96


ANGELA BORDIN ANDREONI
Chefe de Seção Técnica III

Recebido na Comissão de
Constituição e Justiça
Em 14/08/96 às 12.00 hs.



ORLANDO KOCI MENDES
AUXILIAR LEGISLATIVO

SEGUE juntado nesta data, documento e papel para informação, rubricado

sob folha n.º

28 n.º 31

Em

10 / 09 / 96

(a) 



Prefeitura do Município de São Paulo

Folha n. 28 do proc
N. 611
Município de São Paulo

GABINETE DO PREFEITO

São Paulo, 9 de setembro de 1996

Ofício A. J. L. n.º

222/96

RECEBIDO NA A. T. M.
Em 09/09/1996
às 16:30 horas

Senhor Presidente

15 - DOCREC
15-0268/1996

Tenho a honra de encaminhar a Vossa Excelência, junto ao presente, cópias das informações prestadas pelas Unidades competentes desta Prefeitura, relativas aos Projetos de Lei constantes da relação anexa.

Aproveito a oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos de minha alta consideração.

PAULO MALUF
Prefeito

A Sua Excelência o Senhor Doutor João Brasil Vita
Digníssimo Presidente da Câmara Municipal de São Paulo

À Douta Comissão de
Constituição e Justiça
Em, 10/09/96


ANGELA BORDIN ANDREONI
Chefe de Seção Técnica III

Recebido na Comissão de
Constituição e Justiça
Em 10/09/96 às 12:00 hs.


ORLANDO KOCI MENDES
AUXILIAR LEGISLATIVO



Folha n°	29	do proc
N°	611	19 96
O funcionário		

CÓPIAS DAS INFORMAÇÕES RELATIVAS AO PROJETO DE LEI
Nº 611/96, REFERENTE AO OFÍCIO Nº 18/LEG.3/0690/96, REMETIDO À
CÂMARA MUNICIPAL COM O OFÍCIO ATL. Nº 222 - /96.



PREFEITURA DO MUNICIPIO DE SAO PAULO

Folha n.º 30	do proc
N.º 611	63 1996
O funcionário	

folha de informacao n.º 2

do proc. n.º 19.002.09696.06 em 21/08/96. (a)

ROSA MIRANDA

CASE Y

CASE G

Sr. Diretor

INFORMACOES SOBRE O PL : 611/96 MEMO ATL : 2.018/96 A.M. QUADROS

A) DADOS SOBRE O LEITO DO LOGRADOURO

OFICIAL : SIM

LEGISLACAO : DE/10.833/74

CODLOG : 04.158-0

B) DADOS SOBRE A DENOMINACAO ATUAL

NOME ATUAL : VE CADQUIRA

DENOMINACAO OFICIAL : SIM LEGISLACAO : AA/ 1.130/36

HOMONIMIA : NAO

C) DADOS SOBRE O NOME PROPOSTO

NOME PROPOSTO : VE OFELIA FONSECA DE ALMEIDA

HOMONIMIA : NAO

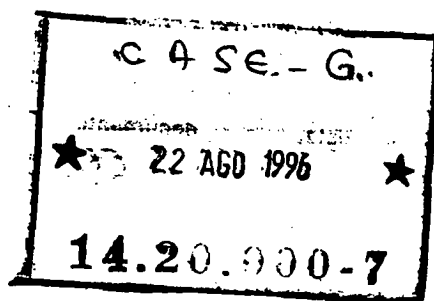
D) DADOS TECNICOS :

SUFICIENTES, CARACTERIZACAO CORRETA.

E) OBSERVACOES :

TRATA-SE DE ALTERACAO NAO PREVISTA NAS LEIS N. 8.776/78, 10.903/90 E 11.419/93.

21/08/96



ALFREDO JOSE MANCUSO
DIRETOR DE DIVISA TECNICA
CASE-4



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

Folha n.º 31	do processo
N.º 611	96
O L.	

Folha de Informação nº 08

do Processo nº. 59-002.036-96*06

em 22/08/96 (a)

MARLENE RODRIGUES G. SILVA
Of. Adm. Geral III
CASE 01

INTERESSADO : SGM/ATL.

ASSUNTO : Projeto de Lei nº. 611/96.

INFORMAÇÃO : 1036/CASE-6/96.

SEHAB-G/ATAJ
Chefia de Assessoria,

Com as informações prestadas por CASE-4 em cota
retro, propomos o encaminhamento do presente à SGM/ATL.

22/8/96.

Eng. JOSÉ ANTONIO VAZ SAMPAIO
Diretor de Depto. Técnico
CASE-6/SEHAB

RGH/mjs* 21/08/96

ONACAP ATORADO 21/08/96
CUBS/Assessoria 21/08/96
ATA - 34452

ATA 3 26-08-96
SEHAB-G
23.08.96
ENTRADO



Câmara Municipal de



PRORROGAÇÃO

Tendo em vista a necessidade de maiores estudos da matéria, prorrogo o prazo para emissão de parecer desta Comissão, conforme disposto no art. 63, "caput", do Regimento Interno.

Em, 06/09/96

Ver. Dárcio Arruda

Presidente da Comissão de
Constituição e Justiça



Câ

16 - PAR
16-1976/1996

Municipal de

Folha n.º 33	do proc.
N.º 64	1396
O funcionário	

DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO
E JUSTIÇA SOBRE O PROJETO DE LEI Nº 0611/96

Trata-se de projeto de lei, de autoria da Nobre Vereadora Ana Maria Quadros, que visa denominar Travessa Dona Ofélia de Almeida o logradouro público localizado entre a Rua Itápolis e Rua Bahia.

No entanto, segundo informações do Executivo de fls. 30, o logradouro em questão já foi denominado Viela Caoquira, através do Ato nº 1130/36.

Salientamos, ainda, que a propositura não se enquadra nas hipóteses da Lei nº 8.776/78, que permite alteração de nome tão-somente nos casos de homonímia, similaridade que cause ambigüidade de identificação, ou denominação suscetível de expor ao ridículo os moradores (art. 1º).

Pelo exposto, somos

PELA ILEGALIDADE

Sala da Comissão de Constituição e Justiça, 17/09/96

RELATOR

17 - RELCOM
17-1316/1996

Publicado no DIÁRIO OFICIAL
de 20, 09 / 19 96
página 43 coluna 2
conferido: W

A A. T. M.
Em. 20, 09 / 96

W

ORLANDO KOCI MENDES
AUXILIAR LEGISLATIVO



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Papel para informação, rubricado como folha nº 36

do processo nº 611 de 19 26 20 06 96 (a) 26 20 06 96

NOEMIA MARIA DA SILVA MARQUES
Assist. Chefe Técnica

Ao DT. 94 - Sra. Chefe:

De acôrdo com o artigo 275 do Regimen-
to Interno, arquivar o presente processo.

16/01/97

BRENO GANDELMAN

Ass. Tecn. Legislativo - Chefe Substituto

A. T. M.

DEPARTAMENTO
DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMÁTICA
SEÇÃO TÉCNICA DE ARQUIVO

Proc. encerrado cl 36 fls.

Arquivo em 27-01-97

O Func. Maria da Conceição Assis

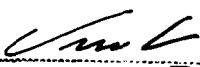
MARIA DA CONCEIÇÃO ASSIS
Ass. de Secretaria II

SEGUE juntado nesta data, documento e papel para informação, rubricado
sob folhas nº 37
Em 06 11 1997
(a) VIVIANE PEREIRA DO
Assistente Técnica de Arquivo I



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º 37	da proc.
n.º 611	de 1996
SILVIANE DE FREITAS PO	
Presidente, Terceira Comissão I	

DEFERIDO	
☆	04 NOV 1997 ☆
	
PRESIDENTE	

REQUERIMENTO

13 - RDS
13-2820/1997

Requeiro à Douta Mesa, nos termos regimentais, o desarquivamento e a volta à tramitação normal do PL 611/96, de autoria da Vereadora Ana Maria Quadros.

Sala das Sessões, em 03 de novembro de 1997

Ana Maria Quadros
ANA MARIA QUADROS
VEREADORA

SEÇÃO DE REVISÃO	
☆	* 4 NOV 1997 ☆
- DT. 10 -	



AO DT. 94 - SRA. CHEFE:
DEARQUIVAR O PRESENTE PROCESSO

4.11.1997

LUIZ AREIAS DE CARVALHO
Ass. Técn. Leg. Chefe - A. T. M.

À

A.T.M.

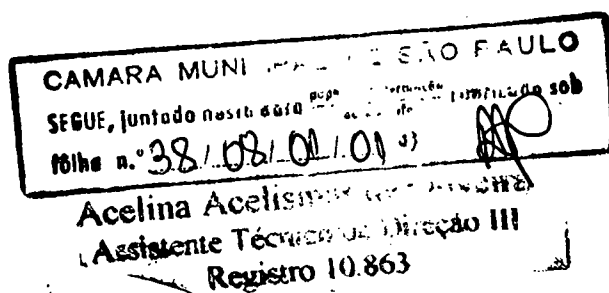
Senhor Assessor Chefe,

Conforme solicitado pelo presente RDS,
envio-lhe o expediente para volta a tramitação.

Atenciosamente

DT.94 em 06.11.1997,

REGINA APARECIDA BARRIOS
Chefe de Seção Técnica II





CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Papel para Informação, rubricado como folha nº

38

do processo nº 611 de 1996 20, 12, 100 (n)

Adelina Cicone
Assistente Parlamentar
Registro 100.406

Ao DT.94 - Sra. Chefe:

Arquivar o presente processo, de acordo com o art. 275 do Regimento Interno (mudança de legislatura).

08/01/2001

BRENO GANDELMAN

Assessor Tec. Legislat. Chefe

ATM

SEÇÃO TÉCNICA DE ARQUIVO	
Requisitado em	06.11.97
Arquivado novamente em	29.01.2001
Cl 38	Fls. ° O Func°

BENVINDO DANILO L. CARVALHO

Assist. Parlamentar

Reg. n.º 101.258